O Recital do Exílio Ocidental – Comentários

Neste Recital, Suhrawardi introduz de forma magnífica o tema do Exílio. Este tema vem sendo alvo de muitos dos escritos de outros xeiques sufis, filósofos e místicos. Mesmo na tradição cristã este tema está presente no texto O Hino da Alma, nos Livros Apócrifos do Novo Testamento. Ele foi abordado também por Avicena (Ibn Sina) em seu Exílio da Alma. Entre os sufis este tema é apresentado na história O Filho do Rei, supostamente escrito por Amir Sultan, Xeique de Bokhara. Neste texto, basicamente, conta-se a história de um príncipe que saiu de seu reino em busca de uma pérola. Em sua jornada ele se encanta com o mundo, e com o tempo, acaba por esquecer de sua condição original e mergulha em tristeza e melancolia. Até que um dia, um sonho o desperta e ele se lembra de que é o filho do rei e que seu estado é o da nobreza, contentamento e paz. Ele retorna então ao castelo, mas retorna modificado; até mesmo o reconhecimento da beleza e nobreza do lugar está agora plenamente desenvolvido.

Em todas as elaborações sobre esse tema vemos a alegoria do próprio estado do ser humano. Descreve-se sua origem como sendo nobre e seu estado como o da compleitude, da união com o Criador, da inexistência de necessidades, angústia e sofrimento. Porém, esta situação é modificada quando o ser humano passa a fazer parte da criação. Ele se vê então, esquecido de sua condição anterior e em substituição à ela existe a busca, solidão, confusão e desespero. Porém, embutida na própria condição humana, existe a possibilidade de que o homem seja lembrado de seu estado anterior e possa então retornar ao seu lar e reassumir sua posição. Como característica constante, está também presente o fato de que o herói sempre sai de seu lugar original em busca de aprendizado e sabedoria e sempre volta transformado.

No Recital do Exílio Ocidental de Suhrawardi encontra-se a descrição de dois irmãos que viajam para as terras ocidentais para “caçar um bando de pássaros”. Eles são aprisionados na cidade de Kairouan onde então são obrigados a viver no fundo de um poço. Eles apenas podem sair de lá durante a noite quando então lhes é permitido olhar através da janela do castelo onde eles são prisioneiros. Um dia, surge uma ave, a pomba, que traz a eles uma mensagem de seu pai, dizendo-lhes que eles devem lutar para se libertar e retornar ao seu lugar de origem. A mensagem segue-se uma série de instruções de como eles deviam proceder para se libertar.

Obedecendo as instruções eles são capazes de fugir do castelo. O protagonista passa por uma jornada de atribulações onde lhe é solicitado o desapego e a superação das limitações. Finalmente, depois da jornada, ele encontra o pai no monte Sinai, “um grande sábio por cujo brilho de sua luz os céus e as terras estavam fendidos”. Segue-se então um final surpreendente onde o pai ordena que ele volte ao exílio porque ele ainda “não retirou de forma completa as algemas”. A essa ordem segue-se a promessa de que ele poderá voltar à presença do pai quando quiser, e que no final, ele poderá permanecer ali e abandonar as terras ocidentais “absoluta e completamente”.

Alguns elementos comuns da temática de Suhrawardi aparecem no Recital do Exílio Ocidental. Inicialmente, é importante referir-se à questão primeira que brota na mente daqueles que estudam esse Recital: por que os protagonistas da história abandonam sua condição original para “caçar um bando de pássaros”? Essa pergunta é fundamental e não deve ser respondida de uma forma leviana. Porém, Suhrawardi oferecerá uma chave para uma possível resposta à ela em outro Tratado chamado de A Realidade do Amor onde de forma sublime, ele descreve o momento em que a divindade se apaixona

pela matéria e resolve vir morar junto dela. As implicações dessa visão estão apresentadas junto a esse Tratado ([link para ele](#)).

Nos escritos de Suhrawardi são constantes as referências ao “ocidente” e ao “oriente”. Ambos não devem ser abordados literalmente. O Ocidente deve ser compreendido não como o geográfico, mas como o Reino da Matéria que está separado do Mundo Sublime por uma “cobertura de escuridão”. É neste reino que o homem esquecido de si mesmo vive e permanece isolado de sua condição original.

Kairouan é a própria representação desse mundo, o mundo onde vivem os “opressores”. Se o mundo da matéria for considerado como o mundo dos afazeres e responsabilidades, o mundo do dia a dia, os “opressores” são as estruturas tanto sociais quanto internas que mantêm a realidade de consenso como sendo a única realidade existente para os sentidos e que nos obrigam a cumprir nossos papéis sociais. As necessidades impostas pela cultura e sociedade e que as pessoas acabam por aceitar como sendo as únicas que contam, mantêm a consciência e outras qualidades espirituais aprisionadas, sem que haja um crescimento e um desabrochar das capacidades humanas como um todo.

Por outro lado, o Yemem, de onde vêm as “luzes” e as “brisas perfumadas”, está do “lado direito”, e é o Oriente no sentido do Ishraq, o despertar da alma visionária ou do mundo imaginal. O Oriente na tradição de Suhrawardi, remete ao anjo guia da humanidade, o Anjo Gabriel, que é também referido em sua terminologia como o Espírito Santo ou como o Doador de Formas ([link texto Símbolo da Fé](#)). É esse guia que por sussurrar continuamente um chamado no coração humano, desperta-o e o torna sequioso por empreender a jornada rumo ao seu próprio desenvolvimento. Esse guia é também referido, logo no início do Recital, como sendo o pai do exilado – al-Hadi, o Imã, é também o Anjo Gabriel.

Aprisionados no poço, eles permanecem cegos para as realidades que são sua herança incondicional. Porém, à noite, eles podem subir para a janela do castelo e ali eles se sentem “tocados e saudosos da terra natal”. A noite aqui pode ser compreendida como sendo o momento em que os afazeres da vida cessam de causar tanta distração e surge então a possibilidade de que algum trabalho de ordem interna seja feito. É nesse momento que a mente pode ser aquietada e afastada das preocupações mundanas e então, dentro desse silêncio, torna-se possível ouvir a voz da própria alma ou coração. É nesta voz que reside o principal elemento que possibilita ao homem ser lembrado de sua condição natural e também é no cultivo dessa lembrança que residem as chaves para a transformação e posterior libertação. Ou seja, esse trabalho, quando direcionado de forma correta, possibilita que, primeiro surja a saudade do estado original do homem e mais tarde uma possibilidade real de exercê-lo.

Desse contato surgem então as instruções de como se deve proceder para se libertar do “exílio” dessas terras distantes. Porém, cada passo implica num trabalho árduo sobre si mesmo. Se, em termos da mente, sempre existirão modelos e atenuações que confundem e mascaram o estado do ser humano nessas “terras”, em termos do coração e frente ao fogo abrasador da saudade do “pai”, ou da própria origem, não há confusão ou possibilidade de acomodação. Existe apenas movimento em busca de um aperfeiçoamento constante e contínuo, mesmo que para isso seja necessário abandonar todos os apegos e mentiras que surgem e que mantêm a ilusão do estado de separação.

Ao longo da jornada surgem símbolos e metáforas poderosas que mostram o quão árduo pode ser o caminho em direção à perfeição. A cada passo os apegos são questionados e torna-se necessário reconhecer e abandonar a mediocridade e hipocrisia interna. Em

meio a cada uma das atribuições deve-se encontrar forças na própria paixão e desejo pelo retorno, na certeza e poder do chamado.

Finalmente então surgem as primeiras experiências de êxtase e delícia mas mesmo estas devem ser abandonadas porque por mais que elas sejam aprazíveis ainda assim a meta inicial da jornada encontra-se mais adiante.

Quando finalmente se alcança a morada do pai, o que existe é “perplexidade e espanto”. Em semelhança ao texto de Faradudin Attar, a Conferência dos Pássaros, o contato com a presença do pai é descrito como acompanhado de um estado incomum de ser. Aqui a experiência luminosa e numinosa se encontram: de um lado luz e êxtase, do outro, poder e submissão. Em ambas existe pouco espaço para o “ser” do buscador, que, numa espécie de absorção, mergulha na presença tão ansiada do próprio pai - e que outra forma o místico pode traduzir esta experiência além de perplexidade e espanto?

O buscador então se prostra diante do pai e é então “quase obliterado por uma luz ofuscante”. Ele chora e conta da prisão e dos sofrimentos para então ouvir o que há de mais doloroso para ser ouvido que é a ordem “você deve voltar”. Em meio aos lamentos, súplicas e gemidos o protagonista é levado a olhar para si mesmo mais uma vez e constatar sua necessidade ainda por perfeição e transformação. E isso não pode acontecer junto ao pai. Diante dele existe apenas a presença avassaladora e muito pouco pode ser feito frente à essa presença. O trabalho sobre si deve ser feito em estado de separação, dentro do exílio.

Porém, ao mesmo tempo que lhe é ordenado voltar, existe a promessa de que o retorno à presença do pai poderá ocorrer sempre e que no final, não haverá mais exílios ou separações. Nesse ponto, o estado de afastamento ou retorno passa a ser uma questão de opção onde o buscador já possui as capacidades básicas para não mais viver apenas envolvido no sono e distração. E, além disso, existe a confirmação de que não haverão mais impedimentos ao estado de união: este estado é herança do ser humano e os únicos elementos que podem impedir que essa herança seja consumada são a imperfeição e rejeição do próprio ser humano.

Nos últimos parágrafos do Recital do Exílio Ocidental, o pai lembra ao filho mais uma vez de sua linhagem nobre. Ele diz que acima dele mesmo existe um outro que é o “avô” e acima deste uma série de ancestrais “até que a linha atinge o rei que é o grande progenitor que não tem pai nem avô e nós todos somos seus servos e tiramos nossa luz de sua luz.” Neste ponto é importante perceber que o buscador deve necessariamente passar por diversas experiências espirituais, ou seja, ele deve ser capaz de abandonar o “mundo da matéria” e ingressar nos “mundos superiores” com certa frequência. Somente assim lhe será possível o contato com todas as hierarquias desses mundos e a conseqüente discriminação entre as experiências.

Somente em estado de total perfeição e completude se pode atingir o destino final. As experiências espirituais que antecedem esse momento são todas preparatórias. Têm sua importância e significado, mas ainda assim não devem representar um motivo a mais de apego ou orgulho, ou sejam, outras formas de aprisionamento. A meta final se encontra adiante e apenas quando ela é atingida, todo o processo anterior de aprendizado e transformação é então justificado.